

O movimento operário do Rio Grande do Sul no contexto platino: a fronteira como espaço de troca de informações, circulação de militantes e repressão policial (1917-1922).

Frederico Duarte Bartz – Doutor em História – UFRGS (Brasil)/ Técnico em Assuntos Educacionais – UFRGS (Brasil).

Resumo:

Neste artigo, pretendo analisar como a condição de fronteira do estado do Rio Grande do Sul influenciou as organizações e os militantes operários no período de maior mobilização da Primeira República, situado entre a deflagração das grandes greves de Porto Alegre e Pelotas, em 1917, e a fundação do Partido Comunista do Brasil, em 1922, evento que teve importante participação da União Maximalista de Porto Alegre. Para esta análise, enfocarei as relações de fronteira sob três aspectos: quanto ao deslocamento de operários (militantes ou não) e a circulação de ideias, as relações do Estado com as regiões fronteiriças e suas consequências para o movimento dos trabalhadores organizados e as possibilidades de extravasar as fronteiras quando do estabelecimento de solidariedades que pretendiam extrapolar os limites do Estado Nacional.

Palavras-Chave: Movimento Operário, Rio Grande do Sul, Região Platina, Fronteiras, Internacionalismo.

Introdução:

Neste artigo, pretendo analisar como a condição de fronteira do estado do Rio Grande do Sul influenciou as organizações e os militantes operários no período de maior mobilização da Primeira República, situado entre a deflagração das grandes greves de Porto Alegre e Pelotas, em 1917, e a fundação do Partido Comunista do Brasil, em 1922, evento que teve importante participação da União Maximalista de Porto Alegre. Para esta análise, enfocarei as relações de fronteira sob três aspectos: quanto ao deslocamento de operários (militantes ou não) e a circulação de idéias, as relações do Estado com as regiões fronteiriças e suas consequências para o movimento dos trabalhadores organizados e as

possibilidades de extravasar as fronteiras quando do estabelecimento de solidariedades que pretendiam extrapolar os limites do estado nacional.

Quanto ao primeiro aspecto, pretendo aborda-lo analisando a formação da Liga Comunista de Santana do Livramento, em 1918, e a radicalização dos operários dos frigoríficos santanenses em 1919, que esteve diretamente ligado ao deslocamento de trabalhadores uruguaios com experiência de luta para aquela cidade. Também pretendo abordar os espaços para a circulação de idéias, como o papel do militante Alberto Lauro quando divulgou de Montevideú os ecos das primeiras divergências teóricas que separariam anarquistas e comunistas em espaços políticos diversos.

Quanto às relações do estado com as áreas fronteiriças, analisarei a repressão sobre os militantes e a imagem de que a fronteira era um espaço poroso para a entrada de agentes de subversão à ordem. Neste sentido, torna-se interessante enfocar matérias em grandes jornais, como *O Correio do Povo*, que noticiavam a existência de agentes russos que chegavam dos países vizinhos para chefiar um complot maximalista no Brasil e como isto poderia, de fato, corresponder a preocupações das autoridades policiais no estado. Além disso, farei uma rápida análise da repressão ao movimento operário de Rio Grande, comparando-a a outras cidades, dando ênfase à condição de cidade próxima à fronteira e de espaço de circulação de pessoas de várias nacionalidades.

O terceiro aspecto será tratado a partir das relações que a União Maximalista de Porto Alegre e seu líder Abílio de Nequete estabeleceram, a partir de 1921, com os membros de uma facção do Partido Socialista Uruguaio, através do jornal *Justícia*, e como esta ligação ajudou na constituição do Partido Comunista do Brasil. Os laços estabelecidos com os socialistas uruguaios, que logo se transformariam em comunistas, possibilitaram ligações com o Bureau Sul Americano da Internacional Comunista, sediado em Buenos Aires, desta forma a proximidade de Porto Alegre ao Rio da Prata permitiu uma precoce integração de grupos militantes do estado a organizações supranacionais como a IC.

Esta pesquisa vai ser desenvolvida a partir dos conceitos do marxismo de tradição britânica, mais especificamente das noções desenvolvidas por Edward Palmer Thompson de experiência de luta para a constituição das solidariedades de classe. É importante ressaltar, porém, que esta noção não será tomada apenas a partir de uma realidade nacional,

como foi o caso do historiador britânico no estudo da formação da classe operária de seu país, porém, será entendida para relações que se davam também em âmbito internacional, levando em conta ainda o grande movimento de agitações trabalhistas que se alastravam pelo mundo e reforçavam o caráter internacional das experiências dos trabalhadores organizados.

A condição de fronteira e o período estudado:

A fronteira é um espaço onde ocorrem encontros e trocas sociais, políticas e culturais. O estado do Rio Grande do Sul, neste caso, presta-se bem para a observação de relações de fronteira, pois foi um espaço construído no mesmo período em que se consolidava o domínio espanhol sobre o restante da região platina, e posteriormente, se constituiu o estado nacional uruguaio e argentino. Do lado de cá da fronteira, o Rio Grande de São Pedro foi integrado ao Império Brasileiro. Esta posição, que ora contrapunha o Rio Grande ao restante do espaço platino, ora permitia uma identificação com seus vizinhos, oferecia margem de manobra às elites rio-grandenses, abrindo possibilidades de negociação com as instâncias políticas superiores que estavam conformando o estado nacional brasileiro. Neste caso, tal ambigüidade abriu caminho para a circulação ou a adesão à projetos político elaborados além destas fronteiras, como é o caso da influência das idéias federalistas entre a elite da província, na primeira metade do século XIX, concomitantemente às revoltas e à elaboração de diferentes projetos de poder na Bacia do Prata. O caso da Revolução Farroupilha mostra como estas idéias poderiam se cristalizar em projetos contrapostos ao do centro político da nação, momento este em que os poderes locais tentaram construir uma série de alianças com os países vizinhos, instituindo um complexo jogo de estratégia e barganha entre diferentes atores políticos na região¹.

Para o caso do movimento operário gaúcho na Primeira República, a condição de fronteira apresenta um complicador, pois os militantes deste período, influenciados

¹ Sobre esta condição de fronteira e os projetos políticos da elite rio-grandense neste período, ver GUAZZELLI, Carlos Augusto Barcelos. O Rio Grande do Sul na Primeira Metade do Século XIX: Estados-Nações e Regiões-Províncias no Rio da Prata. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et alii (Org.). *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2004.

principalmente pelo anarquismo e pelo sindicalismo revolucionário, orientavam seus esforços de propaganda para mostrar que as fronteiras entre os estados eram artificiais, sendo mantidas apenas pelo interesse das diferentes burguesias nacionais. Ultrapassando estas fronteiras, deveria prevalecer a solidariedade proletária internacional². No período aqui estudado, esta condição de submissão às fronteiras se tornará objeto de maior contestação ainda: com a deflagração da Revolução Russa e a extensão do processo revolucionário para países da Europa Central, como a Alemanha, criou-se a expectativa de uma débâcle do capitalismo, com o surgimento de uma nova ordem mundial onde as divisões entre os povos não teriam mais sentido.

Em nosso caso, o discurso internacionalista vai marcar a fala e os projetos destes militantes, porém, os mesmos não podiam ignorar o fato das fronteiras nacionais estarem já constituídas. Mesmo assim, estas fronteiras entre os diferentes países, que eram consideradas amarras para um projeto maior de libertação do proletariado, abriram portas para diferentes táticas de ação política aos militantes operários do Rio Grande do Sul.

Circulação de pessoas e idéias:

Um primeiro aspecto que pode ser destacado sobre esta condição de fronteira, foi a possibilidade de circulação de pessoas e idéias por este espaço poroso. Um exemplo de circulação de trabalhadores e de experiências que pode ser tomado, pelas conseqüências políticas e pelo caráter de convergência entre trabalhadores de diferentes origens, são as mobilizações dos operários dos frigoríficos santanenses em 1919. No período estudado, a economia industrial brasileira, depois de um período de estagnação, passou a sofrer um forte impulso de crescimento. Isto se deu porque a Europa estava em guerra e a importação de produtos manufaturados, tradicionalmente trazidos daquele continente, ficou impossibilitada pela reconversão de muitas fábricas européias em indústrias bélicas³. Com

² Sobre o internacionalismo operário no rio-grande do sul, ver BILHÃO, Isabel. *Identidade e trabalho. Análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses. (1896-1920)*. Porto Alegre: PPG em História da UFRGS. 2005. (Tese de Doutorado). p.175-251.

³ Simonsen afirma que apesar de ser incorreto dizer que a indústria no Brasil se origina na guerra, ela teve pronunciada influência no seu desenvolvimento posterior, por ter provocado uma intensa diversificação na fabricação de produtos. A impossibilidade de contar com os fornecedores europeus estimulou o nascimento de

isto, surge uma série de estabelecimentos fabris no Brasil, fruto da política de substituição de importações. No Rio Grande do Sul, surgem mesmo indústrias voltadas à exportação e suprimento dos países em guerra, neste último caso está a indústria de carnes congeladas e refrigeradas, implantada a partir do ano de 1918, e que tinham um dos seus principais pólos na cidade fronteira de Santana de Livramento.

Com a implantação das indústrias frigoríficas, foi necessário contratar operários uruguaios para trabalhar naqueles estabelecimentos, pois indústrias similares já estavam instaladas naquele país a mais tempo. Estes operários ao chegarem ao Brasil se depararam com condições de trabalho diferentes de seu país, pois no Uruguai já havia uma série de leis sociais e direitos trabalhistas que eram muito precários no Brasil, senão inexistentes⁴. Tal experiência anterior destes operários levou-os a revoltar-se contra as condições a que estavam submetidos, aderindo a uma greve que paralisou a indústria santanense em 1919.

Esta greve foi comandada por um grupo de operários (principalmente pedreiros) com experiência de luta e que havia, a partir de uma matriz anarquista, dado apoio à Revolução Russa e criado a Liga Comunista de Santana de Livramento em 1918. Desta Liga saíram os líderes da greve de 1919, o que consolidou aquele grupo de militantes, que formaram uma das primeiras associações comunistas do país⁵. Neste caso, os operários imigrantes trouxeram experiências com o mundo de trabalho que se traduziram em revolta contra a sua situação precária; mas esta insatisfação foi canalizada por operários acostumados às lutas locais e influenciados pelo clima de mobilização que se seguiu à Revolução Russa. É possível, inclusive, que o caráter eminentemente "internacionalista" do maximalismo tenha permitido um discurso comum que unissem estrangeiros e nacionais.

A circulação de pessoas deve-se agregar a circulação de informações. A proximidade com os grandes centros urbanos do Rio da Prata, Buenos Aires e Montevideú,

uma multiplicidade de pequenas indústrias, que se desenvolveram principalmente em São Paulo. SIMONSEN. Roberto C. *Evolução industrial do Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Ed. Nacional/Ed. da USP. 1973. p. 20.

⁴ Sobre a instalação do frigorífico e algumas características do trabalho na empresa ver: ALBORNOZ, Vera do Prado Lima. *Armour. Uma aposta no pampa*. Editora do autor: Santana do Livramento, 2000. pp.91-125.

⁵ Informações de Isaac Axelrud no artigo sobre Santos Soares, principal líder da Liga Comunista, na Revista *Problemas* nº 39, Rio de Janeiro, 1952. Reproduzidas em MARÇAL, João Baptista. *Comunistas gaúchos. A vida de 31 militantes da classe operária*. Santa Maria: Tche. 1986. P 118-126.

permitia que informações produzidas naqueles locais chegassem ao estado do Rio Grande do Sul. Além disso, a ida de militantes aos países vizinhos permitia que estes tivessem contatos com materiais de propaganda e debates que talvez não encontrassem em outros centros de militância brasileiros.

Este é o caso do artigo o "*Syndicalismo não é marxista*", publicado no jornal *O Sindicalista*, de Porto Alegre, em 14 de abril de 1920. O artigo original não é de nenhum militante brasileiro, mas foi retirado de um jornal de Cádiz chamado *Rebelión*, e enviado pelo militante anarquista Alberto Lauro da cidade de Montevidéu, para onde este havia se refugiado por causa das perseguições que estava sofrendo no Brasil. . A apresentação do artigo dizia que a sua publicação tinha por intuito dissipar a “confusão lamentável que muitos sindicalistas e anarquistas se tem apossado diante da Revolução Russa e que os faz esquecerem-se do comunismo libertário, tão bem defendido e definido por Bakunine, na gloriosa I Internacional”⁶. O texto apresentava uma tentativa de esclarecimento de um termo considerado "da moda", o bolchevismo, procurando precaver os militantes libertários que sua origem estaria no marxismo e defendia a ditadura do proletariado para a chegar ao socialismo.

O fato de a Revolução Russa ser marxista não era um dado completamente novo para os militantes e informações apontando este fato podem ser encontradas nos jornais brasileiros desde 1917; o envio do texto, porém, é significativo pois tenta atualizar os militantes gaúchos sobre fatos que estavam sendo debatidos em outras partes do mundo. Na verdade, apesar da publicação deste texto crítico á Revolução do ponto de vista libertário, Alberto Lauro não parece ter repudiado completamente a influência russa sobre o movimento operário. Em 19 de março de 1921, o mesmo militante escreve nas "*Chronicas Argentinas*", enviadas de Buenos Aires e publicadas no jornal *O Nosso Verbo* de Rio Grande, uma apreciação muito positiva da tentativa de formar soviets naquele país e sobre uma greve liderada por uma federação operária comunista, solidária a protestos estudantis⁷.

O importante, neste caso, é ressaltar a possibilidade de circulação de idéias novas

⁶ *O Sindicalista*. Porto Alegre, p.3 14, abril, 1920.

⁷ *O Nosso Verbo*. Rio Grande. 19, mar, 1921. O texto das "*Chronicas argentinas*" foi enviado de Buenos Aires no dia 14 de fevereiro daquele ano.

que a proximidade com os países latinos permitiam, em alguns casos, de forma bastante precoce em relação aos principais centros econômicos do país.

A fronteira como lugar subversivo:

Desde o início da Revolução Russa os grandes veículos da imprensa publicaram notícias que procuravam mostrar os bolchevistas como criminosos ou destruidores da harmonia social. Esta prática chega ao paroxismo no ano de 1919, quando os protestos operários e a própria linguagem dos militantes se tornam mais violentas, tornando-se corriqueiros no *Correio do Povo* artigos que condenavam com veemência o maximalismo⁸. Além das acusações específicas contra o maximalismo, acrescia-se outra, tradicionalmente levantada contra os militantes operários e agora voltada aos apoiadores da Revolução Russa: a de serem agitadores estrangeiros, que viriam de países distantes exportar os conflitos sociais, corrompendo o pacífico operariado nacional. Além disso, apontava-se um centro produtor de agitadores, a Rússia dos Soviets e um lugar, a fronteira, como espaço por onde estes poderiam entrar no país⁹.

Esta preocupação aparece em um relato bastante peculiar, reproduzido do jornal A Época do Rio de Janeiro em A Federação de 19 de junho de 1919, informando sobre o aparecimento de alguns estrangeiros suspeitos em um hotel na cidade de Uruguaiana. Enquanto jantavam e conversavam em francês, os estrangeiros foram surpreendidos por um oficial do exército, que começou a prestar atenção em sua conversa; percebendo que estavam sendo compreendidos, eles passaram a falar em inglês, mas o oficial também compreendia a língua e por este motivo mudaram para o russo, também compreendidos pelo oficial e então definitivamente adotaram o polonês, mas o idioma também era

⁸ Como exemplo, podem ser citados alguns artigos: em 12 de abril, publicou-se *O que é e o que quer o maximalismo. A causa do seu triunfo na Rússia e os seus objetivos internacionais*, em 15 de abril, *A insânia maximalista. A expropriação das mulheres*, em 4 de maio, *A Europa perante o bolchevismo*, em 25 de maio, *O movimento socialista na Europa*, em 28 de maio, *A Rússia sob o maximalismo*, em 6 de julho *Acerca da Revolução Social*.

⁹ Alguns argumentos se aproximam muito dos desenvolvidos pelos anticomunistas depois de 1930 e durante a guerra fria. Ver SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

dominado pelo militar brasileiro. Com isso o oficial pode compreender que eram bolchevistas, que pretendiam embarcar para São Paulo ou Rio de Janeiro, campos mais férteis para suas atividades de agitação.

Se a história é pouco crível e até parece absurda, a introdução do artigo é bastante esclarecedora sobre o que se acreditava (ou se desejava que as pessoas acreditassem), naquele momento sobre agitadores estrangeiros. Afirmava-se que o maximalismo estava tomando proporções assustadoras no Rio Grande do Sul, pois vinha sendo observada a chegada de indivíduos estranhos, vindos de Buenos Aires, desaparecendo depois, tomando possivelmente o rumo de São Paulo: "Quem serão? O público acredita que se tratam de maximalistas, dessa gente exportada da Rússia a fim de fazer a revolução social no estrangeiro, como na Argentina"¹⁰.

Mesmo que se trate de uma peça de propaganda anti-militante, não se deve descartar que estas notícias tenham produzido efeitos concretos na ação repressiva dos órgãos de segurança. Um comunicado enviado pelo subchefe de polícia de Porto Alegre ao delegado de Santiago do Boqueirão, em julho daquele ano, alertava para que este impedisse a entrada de agitadores pela fronteira, pois o governo uruguaio estava expulsando maximalistas procedentes da Argentina, e, caso eles fossem pegos, não deveriam ser deportados sem o aviso prévio à autoridade da capital¹¹.

Constituiu-se assim a "fronteira", mesmo sendo um espaço amplo e multifacetado, como lugar subversivo por excelência. A agitação nos países platinos, a condição de grande centro de imigração e mobilização operária que caracterizavam Montevideú e Buenos Aires, eram um alerta de que elementos com idéias e práticas novas poderiam circular em um espaço difícil de controlar. Estes elementos ganham mais força ainda em casos como o de Rio Grande com seu porto marítimo, que agregava à proximidade dos países vizinhos a uma abertura mais ampla às redes de militância do resto do mundo.

A zona do porto e seus trabalhadores sempre foram muito importantes para o movimento operário riograndino, desde o final do século XIX, quando os trabalhadores, de forma bastante precoce, começaram a se constituir em associações de classe, organizando

¹⁰ *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.10, 19, jun, 1919.

¹¹ Maço 111. Chefatura de polícia de Porto Alegre. Telegrama nº 45000, folha 56, data 7, hora 19.

greves e fazendo florescer um importante jornalismo classista. Nos anos finais da década de 1910, as organizações riograndinas passavam por um período de reorganização, em parte como resposta à apatia da tradicional Sociedade União Operária (SUO), em parte como resposta influxo revolucionário internacional, cujas notícias chegavam à cidade¹².

Em 1917, haviam sido organizadas greves gerais em Porto Alegre e Pelotas. Estas duas paredes, apesar de apresentarem episódios de violência, terminaram de forma negociada com o governo estadual, inclusive com resultados positivos para os trabalhadores. No ano de 1918, os trabalhadores de Rio Grande iniciaram seu processo de reorganização, fundando a União Geral dos Trabalhadores (UGT), sob influência dos anarquistas; no mês de outubro, deflagrou-se uma greve na Companhia Francesa do Porto, que logo se generaliza pela cidade. Após uma primeira tentativa de negociação por parte da Intendência, os administradores municipais mudam sua atitude, incentivados pelo governo estadual, iniciando uma intensa repressão ao movimento.

Esta repressão seria apenas uma prévia do que aconteceria no ano seguinte. A greve de maio de 1919, ocorrida entre o dia 8 e 20 daquele mês, foi muito mais traumática. Uma paralisação dos trabalhadores no Porto Novo catalisou os ânimos de outros operários, que foram aderindo à paralisação, mas à medida que o movimento aumentava a repressão também se fazia presente. Um *destroyer* chegou a ser acionado para cercar a cidade, mas os próprios marinheiros, ao chegarem à terra firme, alinharam-se às reivindicações operárias e foram presos. Uma multidão de 3000 grevistas foi atacada pela polícia, um jovem apareceu morto nos cômodos, a União Geral dos Trabalhadores foi proibida de funcionar. Fustigado pela violência, o movimento dissipou-se e foi encerrado.

Comparativamente, as greves de Rio Grande tiveram uma repressão mais violenta que as paralisações em Porto Alegre e Pelotas¹³. Isto confirma a relação das forças de repressão com as áreas de fronteira neste momento, encaradas como espaço de subversão à ordem e perigo de infiltração revolucionária, onde, mais do que em outros locais, a

¹² Sobre o movimento operário de Rio Grande neste período, ver LONER, Beatriz. *Construção da classe operária em Pelotas e Rio Grande*. Pelotas: Editora da UFPel, 2001. pp.175-183 e 200-210.

¹³ Beatriz Loner compara o ciclo grevista de Rio Grande com o das outras cidades gaúchas, chegando a conclusão que naquela cidade a repressão se estruturou de forma muito mais violenta, exatamente pelo papel do Porto na economia local e da maior abertura para contatos internacionais LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: UFPel, 2001. p.317-322.

negociação deveria ceder lugar à violência.

Para além das fronteiras nacionais:

No ano de 1919, militantes paulistas estavam se organizando para promover uma insurreição operária de caráter nacional, retomando o malogrado plano dos militantes cariocas que tentaram derrubar o Presidente da República em outubro do ano anterior, no episódio que ficou conhecido como a Insurreição Anarquista do Rio de Janeiro. Para levar adiante tal projeto, estes militantes paulistas articularam uma rede de contatos em diferentes partes do país, inclusive o Rio Grande do Sul. Da reunião ocorrida entre os militantes gaúchos e o delegado revolucionário vindo de São Paulo, ocorrida em outubro na capital gaúcha, ficou decidido que Abílio de Nequete, líder da União Maximalista de Porto Alegre, iria para a zona sul do estado, para levantar as cidades de Pelotas e Rio Grande em uma greve geral.

Nequete viajou para Pelotas, mas o levantamento operário em São Paulo, precipitado em outubro de 1919, resultou em uma intensa repressão; o líder maximalista, entretanto, traria de sua viagem uma bagagem importante: sua primeira leitura marxista, revistas argentinas e uma série de endereços para correspondência de Montevideu e Buenos Aires. Nesta ocasião, iniciava-se a ligação de Nequete com os grupos militantes platinos, afastando-se de uma ação política restrita ao Rio Grande do Sul, para voltar-se a um espaço de militância internacionalizado. Analisando sua trajetória, poderá se compreender as possibilidades que uma militância estabelecida em um estado "de fronteira" pode abrir para a formação de rede de relações e a adesão à instituições que transcendem os marcos do estado nacional.

Abílio de Nequete construiu um caminho um tanto incomum entre os militantes operários do Rio Grande do Sul¹⁴. Imigrante libanês e cristão ortodoxo, ao chegar ao Brasil, em 1903, se interessou pelo espiritismo e se tornou um leitor compulsivo de sociologia,

¹⁴ As informações sobre a trajetória de Nequete foram retiradas *Anotações dos cadernos de Abílio de Nequete*, feitas por Sílvia Petersen e da monografia de Irene Haas Rosito, *O pensamento político de Abílio de Nequete*. Ambas as pesquisadoras consultaram cadernos de memórias escritos pelo militante nos anos 1940, que se encontravam de posse de sua família e atualmente estão perdidos.

história e filosofia. Estabeleceu-se em Porto Alegre como barbeiro e foi participante ativo da greve de 1917. Naquele período, Nequete passou a se interessar pelo papel da Rússia na guerra, pois sua origem ortodoxa o fazia simpatizar com a nação eslava, principalmente diante dos seus antigos opressores otomanos. Quando os bolchevistas foram vitoriosos, em novembro, o militante recebeu a notícia com júbilo e passou a se interessar mais ainda pelo "maximalismo".

A relação com outros grupos militantes, principalmente anarquistas, foi bastante problemática neste período, isto porque suas concepções religiosas (ele permaneceu ligado ao espiritismo), o colocava em conflito com o ateísmo libertário; Zenon de Almeida, filho de judeus poloneses e virulento militante anticlerical, era um dos principais críticos do que chamava de "espiritualismo orientalizante". Afastando-se dos anarquistas, Nequete formaria, junto a outros militantes interessados pela Revolução Russa, a União Maximalista de Porto Alegre, em novembro de 1918.

O movimento operário do Rio Grande do Sul, assim como no restante do Brasil, vai sofrer o impacto da onda repressiva desencadeada em fins de 1919. Foi sob o impacto desta força desagregadora e das disputas que começavam a se desenhar no cenário internacional, que foi realizado o 2º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, em março de 1920. Neste Congresso, Abílio de Nequete levantou a proposta de adesão da Federação Operária do Rio Grande do Sul à Internacional Comunista, mas isto provocou a reação de alguns anarquistas, principalmente Friedrich Kniestedt, que conseguiu derrotar esta proposta. Com isto, Nequete e os maximalistas se afastaram da Federação Operária do Rio Grande do Sul¹⁵. No final deste ano, Abílio de Nequete, possivelmente com espaços reduzidos de atuação em Porto Alegre, vai entrar em contato com militantes uruguaios que estavam debatendo a formação de uma agremiação comunista.

Nequete havia encontrado em Pelotas o semanário uruaio *Justícia*, do Partido Socialista Uruaio, estabelecendo correspondência, através dele, com o Deputado Celestino Mibeli, um dos defensores da transformação do PSU em Partido Comunista. Foi através deste contato que os militantes da União Maximalista conseguiram um canal de

¹⁵ Sobre este congresso, ver PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

comunicação com o Bureau Sul Americano da Internacional Comunista. Ao mesmo tempo em que os maximalistas estabeleciam contato com os comunistas uruguaios e argentinos, um grupo de anarquistas do Rio de Janeiro, que haviam aderido ao comunismo e que eram liderados por Astrogildo Pereira, contatava grupos operários de Minas Gerais, São Paulo e Pernambuco, que também se aproximavam do ideário bolchevista. Destes dois movimentos de articulação surgirá o Partido Comunista do Brasil¹⁶.

Em princípios de 1922, Nequete é chamado à Montevideu e tem um encontro com o russo-argentino Alexander Alexandrovsky, do Bureau Sul Americano da Internacional Comunista, recebendo a incumbência de organizar um Partido Comunista no Brasil, que seguisse as recomendações programáticas da IC. De volta ao Brasil, ele entra em contato com Astrogildo Pereira e fica decidido que os diferentes grupos comunistas brasileiros seriam convocados a um Congresso, que se realizou em Niterói, em abril de 1922. Abílio de Nequete seria escolhido Secretário Geral, pelas boas relações que tinha com a IC.

Estas relações estabelecidas com a Internacional e a contribuição para a formação do Partido Comunista do Brasil mostram como um militante com atuação fora dos grandes centros econômico do país pôde desempenhar papel relevante em articulações que extrapolam o espaço nacional. Esta possibilidade, no caso específico de Abílio de Nequete, foi possibilitada, entre outras coisas, pela proximidade com as fronteiras dos países platinos e das redes de relações que podem ser constituídas através delas.

Conclusão:

Percebe-se claramente que a condição de espaço fronteiro do estado do Rio Grande do Sul, influenciou a constituição de seu movimento operário. Esta influência, no entanto, não pode ser reduzida a um único aspecto, o que se torna bastante claro quando se analisa um período de lutas intensas, como o que vai de 1917 a 1922. No âmbito deste texto, analisei como a condição de fronteira interferiu no processo de circulação de ideias e

¹⁶ Sobre o período inicial do PCB, ver PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da Ilusão: A Revolução Mundial e O Brasil, 1922 -1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991 e KAREPOVS, Dainis. *A Esquerda e o Parlamento no Brasil: O Bloco Operário e Camponês (1924 - 1930)*. PPG em História: USP, São Paulo. 2002. (Tese de Doutorado).

militantes, na ação do Estado sobre a organização operária e na formação de redes de solidariedade que extrapolavam o Estado Nacional, mas existem muitos outros aspectos que merecem ser estudados sob esta perspectiva, o que certamente ajudaria a compreender melhor a história dos trabalhadores organizados daquele período.

Jornais:

Correio do Povo, Porto Alegre, 1919.

O Nosso Verbo. Rio Grande, 1921.

O Syndicalista. Porto Alegre, 1920.

Fontes Judiciais:

Maço 111. Chefatura de polícia de Porto Alegre. Telegrama nº 45000, folha 56, data 7, hora 19.

Bibliografia:

ALBORNOZ, Vera do Prado Lima. *Armour. Uma aposta no pampa*. Editora do autor: Santana do Livramento, 2000.

BILHÃO, Isabel. *Identidade e trabalho. Análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses. (1896-1920)*. Porto Alegre: PPG em História da UFRGS. 2005. (Tese de Doutorado)

GRIJÓ, Luiz Alberto et alii. (Org.). *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2004.

KAREPOVS, Dainis. *A Esquerda e o Parlamento no Brasil: O Bloco Operário e Camponês (1924 - 1930)*. PPG em História: USP, São Paulo. 2002. (Tese de Doutorado).

LONER, Beatriz. *Construção da classe operária em Pelotas e Rio Grande*. Pelotas: Editora da UFPel. 2001.

MARÇAL, João Baptista. *Comunistas gaúchos. A vida de 31 militantes da classe operária*. Santa Maria: Tche. 1986.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da Ilusão: A Revolução Mundial e O Brasil, 1922 -1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROSITO, Renata I. H. *O pensamento político de Abílio de Nequete*. Porto Alegre: PUCRS, 1972. (Monografia para a Cadeira de Política do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais).

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SIMONSEN, Roberto C. *Evolução industrial do Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Ed. Nacional/Ed. da USP. 1973.

